

“CÁ ENTRE NÓS, VOU TE FALAR, MAS QUE NÃO SAIA DAQUI”: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE A FOFOCA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Verônica da Conceição Silva¹
Francisco Alencar Mota²

RESUMO

O presente texto faz uma abordagem sobre a fofoca, sob uma perspectiva “depreciativa”, no contexto escolar a partir de uma interação entre os indivíduos no seu pertencimento a determinados “grupinhos”, na Escola de Ensino Médio Monsenhor Antonino em Várzea dos Espinhos no Interior do CE. O trabalho parte do seguinte questionamento: o que leva as pessoas a depreciarem outros sobretudo quando lhe estão ausentes (terceiro ausente) e quais sentimentos os impulsionam a isso? A pesquisa monográfica que embasou o presente trabalho obteve como resposta, levando-se em conta o método utilizado, combinação de métodos qualitativos e de entrevistas, grupos focais, observações e diário de campo, que a fofoca, enquanto prática cotidiana de interação, assume uma forma simbólica de violência, em meio ao controle social a ponto de estigmatizar os alvos, os desclassificando, tornando como desviado aquele que não seguiu as devidas regras imposta em determinadas sociedades.

Palavras – chaves: Fofoca. Controle Social. Violência Simbólica.

ABSTRACT

The present text focuses on gossip, from a "deprecatory" perspective, in the school context from an interaction between individuals in their belonging to certain groups, at the Monsenhor Antonino High School, in Várzea dos Espinhos in state of Ceará, Brazil. The work starts from the following question: what causes people to depreciate others especially when they are absent (third absent) and what feelings drive them to this? The monographic research that supported the present study obtained a response, taking into account the method used, a combination of qualitative and interview methods, focus groups, observations and field diary, which, as a daily practice of interaction, assumes a Symbolic form of violence, in the midst of social control to the point of stigmatizing the targets, disqualifying them, making as deviant those who did not follow the due rules imposed in certain societies.

Keywords: Gossip. Social Control. Symbolic Violence.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é resultado de um trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, refletindo uma análise Sociológica sobre a fofoca no contexto escolar a partir do espaço interno da escola, trazendo também à baila a vida cotidiana dos alunos no espaço externo. Foram observadas as relações, as causas e efeitos ocasionados por esta prática cotidiana e social. O presente trabalho teve como o *locus*

¹ Graduada em Ciências Sociais na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (email: vevebringel@yahoo.com.br)

² Professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Mestre e Doutor em Sociologia; Pós-Doutor em estudos culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. (email: alencarmota@uol.com.br)

da pesquisa a Escola de Ensino Médio Monsenhor Antonino no Distrito de Várzea dos Espinhos, na cidade de Guaraciaba do Norte, no Interior do Estado do Ceará. O estudo objetivou primeiramente identificar os ciclos de conversas entre os indivíduos inseridos no ambiente escolar, enquanto também como moradores da localidade, onde os grupos de amizades e as pessoas da própria comunidade transmitem informações sobre a Instituição, bem como apresentar o que leva as pessoas a divulgarem informações que teoricamente não dizem respeito a si, identificar quais sentimentos estão por trás desta prática e, finalmente, mostrar a fofoca depreciativa como uma forma de relação social.

A fofoca é uma ação irrestrita geograficamente, isto é, está presente em qualquer ambiente social. Onde houver pessoas, haverá esta interação sem restrições de assuntos, pois é uma prática existente em todos os contextos, independentemente de cultura, época ou país; sua relevância está na compreensão da capacidade de construção ou destruição de relações acarretada pelo fenômeno. Por a fofoca estar infiltrada em qualquer ambiente, nas instituições de ensino não seria diferente. O ambiente escolar, entre outras alegorias, caracteriza-se por receber indivíduos heterogêneos em hábitos, valores etc., constituindo um espaço de relações e interações entre seus agentes. Podemos analisar que por ser uma prática presente e comum entre as sociedades, o valor de julgamento varia de acordo com as regras impostas, seu valor vai estar presente de acordo com o julgamento de quem impõe as regras.

A abordagem deu-se em virtude do ciclo de fofocas que permeiam em torno da escola em análise, e as que ploriferam no ambiente escolar, tendo como base que a fofoca está em qualquer ambiente independentemente da cultura ou País. Suscitando questionamentos acerca do que leva as pessoas ocuparem seu tempo falando mal (praticamente sempre) de outras pessoas que não estão presentes (terceiro ausente). Que sentimentos impulsionam essas pessoas a isso?

Para a obtenção dos resultados, a pesquisa se subsidiou de observações *in loco*, buscando compreender o objeto dessa observação. Diante da enorme variedade de pessoas e fatos que mereciam atenção e que são relevantes na pesquisa foi necessário adotar como instrumento, o Diário de Campo, a fim de armazenar as informações coletadas e observadas, para captar outros detalhes. Surgiu igualmente a necessidade de entrevistas, as semi-estruturadas, instrumento que possibilitou liberdade para além das respostas cabíveis na pergunta. Dessa forma, os discentes foram entrevistados, sendo quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino na faixa etária de quinze a vinte

anos, entre os 1º e 3º ano, nos turnos tarde e noite. A escolha dos alunos selecionados para as conversas e entrevistas deu-se em virtude do acesso através de amizades, bem como também pela disponibilidade apresentada por eles, ao se mostrarem interessados pelo assunto. Quando se aproximavam com curiosidade para saber do que se tratava a pesquisa, os demais alunos iam se disponibilizando para a mesma, em seus “grupinhos”, principalmente os do turno noite.

Levando em consideração o que acima foi apresentado, pode-se compreender a partir da pesquisa que a fofoca vai além do “disse – me disse”; está no julgamento de valores a partir de quem divulga, na caracterização de como se transmite as informações, quase sempre de quem está ausente, pois se esse alvo estivesse presente dificilmente seu nome seria mencionado, como um dos entrevistados citou – que fofoca “é alguém te dizer uma coisa e tu invés de ficar pra si, tu sai falando e aumentando mais ainda a história... é contradizendo a história verdadeira”. A fofoca, portanto, satisfaz a curiosidade de seus interlocutores e desempenha uma função catártica, que promove *status* social e realização de desejos, podendo transmitir informações de cunho íntimo e pessoal dos envolvidos. Por isso a pesquisa foi desenvolvida em um véis que prevalece: depreciativa – “blame gossops”, “que reforça uma imagem negativa dos agentes que se afastam das prescrições e valores morais e que geralmente não pertencem ou que não são identificáveis com o grupo do qual fazem parte os que acionam a boataria”³.

2 EM CAMPO: ESPIÕES EM TODOS OS LUGARES

À princípio, julgamos oportuna a descrição sobre o Distrito em que a escola está inserida, o campo de pesquisa. Várzea dos Espinhos é Distrito de Guaraciaba do Norte, no Interior do Ceará. O interesse pela escolha da localidade e escola dá-se pelo apreço pela mesma onde a autora passou uma grande parte da vida como estudante e residindo na localidade, daí a facilidade para obtenção das informações. Várzea dos Espinhos está situada em uma região rural, cercada por várias localidades e sítios. É um dos distritos mais desenvolvidos da região, possuindo cerca de cinco mil habitantes locais e em média dez mil incluindo as adjacências. A população economicamente ativa vive da agricultura, enquanto outros desempenham serviços públicos e trabalho informal, principalmente quando o inverno não é bom. As regiões que rodeiam Várzea dos

³ (Sociologia da Fofoca: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano; p, 03. Pedro Paulo de Oliveira (PPGS/UFRJ).)

Espinhos são áridas, mesmo pertencendo a Serra da Ibiapaba, em períodos sem chuva, os rios somem, dificultando o desenvolvimento da agricultura e pecuária. Mas, é um ambiente não diferente de muitos, muitas pessoas com grande proximidade, falando de suas casas e com elas as “fofocas”.

A localidade tem várias casas e um bom número de prédios construídos, com muitos comércios e lojinhas com proximidade extrema, paredes com paredes, fato que facilita o permeio de informações sobre a vida dos outros, uma briga, um segredo, enfim o que venha interessar os ouvidos da vizinhança. A familiaridade e a intimidade ocasionada pelo tempo de convívio entre as pessoas dão fácil acesso aos boatos no local, as informações tendem a circular de forma mais rápida devido à lógica de proximidade e de “conhecimento” que permeia as relações sociais nos grupos populares (MACHADO, 1986; SARTI, 1996).

Vizinhos que dividem seus quintais separados por cercas emprestam suas panelas para festas são os mesmos que não perdoam nada que venha a ser fora do “normal”, que descobrem todos os sentimentos até ainda não revelados, comunidade que acolhe mais que afasta pelo falar. Lugar de segredos, desejos e mistérios, estes até serem revelados. Elias (2000, p.122) disse que: “a comunidade mais unida tinha canais mais adequados para transmissão das notícias de interesse público e um número maior de interesses comuns”. O autor também fala que em todas as suas diversas formas, a fofoca tinha um valor considerado como entretenimento, isso porque os que pertencem ao lugar são sabedores e divulgadores, servindo para criar vínculos entre os indivíduos. O fato de a fofoca ocupar lugares pequenos e ter uma repercussão maior é que quanto mais é pequeno, mais as pessoas se conhecem e os assuntos de um passam a ser de “todos”, pois muitos se interessam não para resolver, mas para diversão, distração, pois o ciclo de convivência torna-se estreito.

E ainda, como elo de transmissão das fofocas, a escola⁴ torna-se um instrumento principal dessa prática, o que justificou mais ainda a escolha dela como o *locus* da pesquisa. Todavia a pesquisa foi realizada no anexo localizado no Distrito de Várzea dos Espinhos. O ambiente é bem abrangente e adequado para suporte de ensino

⁴ Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Antonino Matriz, situada na sede de Guaraciaba do Norte, tendo seu nome em homenagem a um Padre que lhe apoio quando começou a funcionar, cedendo o espaço para a Instituição.

Fundamental e Médio, com isso, o ensino médio funciona à noite e a partir deste ano passou a funcionar duas series de 1º ano no turno da tarde. Através destes meios percebeu-se que as fofocas, como já dizia Elias, “não podem ser vistas como fenômenos independentes, [...] atribuir à fofoca uma função integradora pode facilmente sugerir que ela é a causa cujo efeito é a integração” (ELIAS; SCOTSON, p. 129). E na escola estes alunos, socializam-se por meio dos grupinhos, suas afetividades construídas ao longo da vida escolar. As fofocas funcionam como um meio de integração quando não desintegra, é a que une o aluno por meio da curiosidade dos boatos divulgados, quando um aluno chega contando uma fofoca, todos se aproximam para saberem.

Integração essa feita pelos indivíduos pertencentes aos grupos e ou os que não pertencem ao grupo, mas são alvos dos acionadores da boataria, os quais reforçam dizendo: “Provavelmente, seria mais exato dizer que o grupo mais bem integrado tende a fofocar mais livremente do que o menos integrado, e que, no primeiro caso, as fofocas das pessoas reforçam a coesão já existente” (idem). Quanto mais unidos forem os grupos mais assuntos para colocarem em dia; quem não pertence a esta união passa a ser o tema central das conversas dos boateiros.

As fofocas devem ser pensadas como um momento de interação que reatualiza valores e práticas legítimas como socialmente válidas e positivamente sancionadas, embora nem sempre isto seja claro, ou seja, percebido de forma consciente entre os que fofocam⁵. Então se há fofoca, há uma interação que envolve os participantes, interação até mesmo integradora como já havia mencionada anteriormente. Os indivíduos se relacionam através das narrativas do cotidiano trazendo para o ambiente escolar os novos “babados”, as fofocas “quentinhas”, com detalhes instigantes para os integrantes de seus “grupinhos”. Esta integração praticada pelas pessoas (espaço externo escolar) e pelos alunos (espaço interno) transmite um caráter de relacionarem-se através da necessidade de comunicação, mas, além disso, está atrelada à função de interesses individuais de uns para com os outros.

A noção de fofoca desenvolvida no presente trabalho subsidiou-se do conceito de alguns autores. Fonseca (2004, p. 41) ressalva que “[...] a fofoca é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos”. Essa prática

⁵(Sociologia da Fofoca: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano; p. 20. Pedro Paulo de Oliveira (PPGS/UFRJ).)

passou a ser estruturada somente na última década, em parte porque foi difícil definir exatamente o que é a fofoca. Hoje, a maioria dos estudiosos concorda que se trata de falar de maneira informal, divertida, e, em geral, maliciosa e até cruel sobre pessoas que não estão presentes.⁶ Na mais terna história, tem-se registrado que os seres humanos viviam em bandos pequenos e o encontro com outras pessoas era extremamente raro acontecer. A forma de sobrevivência da espécie era favorecida pela fofoca, reportando-se aos comportamentos que viessem a destruí-los ou enfraquecê-los, além de identificar os possíveis “enganadores” que pudessem estar infiltrados nos seus grupos, os que retribuíam em seus atos menos do que recebiam. Assim como pelos próprios discentes, destacando-se abaixo um dos entrevistados:

Fofoca é alguém te dizer uma coisa e tu invés de ficar pra si tu sai falando e aumentando mais ainda a história... é contradizendo a história verdadeira, é... pessoa que tem inveja do outro, aí vai fofocar pros outros, e é ruim porque prejudica quem está sendo fofocado e quem dá atenção a quem ta falando (Entrevistado “B”, 2ºano). Um jeito da pessoa comentar da vida da outra pessoa e as vezes falar mal, ficar comentando, difamando, e é ruim, por mais que seja uma fofoca só pra pessoa ficar conversando mesmo que não seja mal, fofoca não é uma coisa boa... (sic).

Obtivemos dos alunos que a fofoca é uma prática negativa ocasionada por pessoas que tem interesses na vida dos outros, falando, aumentando, propagando até mesmo invertendo a história verídica com relação à vida do fofocado. É uma narrativa negativa causando consequências aos alvos, denegrindo a imagem do indivíduo. As fofocas são interpretadas por eles em grande maioria de modo negativo, como algo que denigre a imagem de outrem. Para eles é ruim porque afeta a reputação, caráter e imagem de que é objeto da fofoca, ocasionando até mesmo ofensas ao alvo que se sente afetado: “ruim... é porque tu tá falano da pessoa e a reputação da pessoa vai ficar ruim a vista de todo mundo”, respondeu uma das entrevistadas. (sic).

A fofoca tem o seu lado maléfico e está presente no nosso cotidiano, uma vez que fofocar é uma atividade de linguagem socialmente prescrita. Seu exercício representa um ato de ameaça à face dos seus participantes (GOFFMAN, 1967). O mexerico, dizem Levin e Arluke (1987, p. 25), é “o aglutinante que une os membros de um grupo pela experiência de intimidade e integração”. O fofoqueiro é aquele que se apodera de momentos vergonhosos e íntimos de outras pessoas para falar, difamar e sentir-se superior e mais importante. Também se considera como fofoqueiro o que fala

⁶ <<http://www.webartigos.com/artigos/a-maldicao-da-fofoca>>

sem intenção de denegrir a imagem do outro, mas fala sem consentimento. São segredos partilhados, podem nem ser verdade, mas é divulgado de tal forma. Qualquer vacilo torna-se motivo para cair na boca do povão, quanto mais íntimo e pessoal os assuntos, mais picantes, quanto mais vergonhosos e íntimos os atos praticados, mais são curiosos os interessados em saber dos detalhes.

E para os alunos, tudo quanto gerar comentários torna-se do interesse coletivo. Os entrevistados relataram que de tudo se fala um pouco, dos agentes extra-escolares; “Quem traiu quem, com quem, porque não está mais trabalhando, está grávida de quem, com quantos ficou na festa, foi expulsa de casa porque dormiu com homem casado, o marido de fulana não trabalha porque é sustentado, foi demitido do emprego porque falou mal do prefeito”; dos agentes escolares; “fulana não veio pra escola porque está grávida e ninguém ainda sabe, cicrano faltou aula há dias porque as fotos dela ainda estão rolando na internet”, “fulaninho foi traído”, enfim. Gaiarsa (1978, p.161) nos diz que “o momento da fofoca é sempre revolucionário. Sempre que o comportamento de alguém chama a atenção por ser diferente daquele que se espera, a pessoa se faz objeto de fofoca”. Por isso que se fala muito sobre o “outro”, sobre os *Outsiders*, divergentes, o desviante, todo o que fugir da linha “certa” a ser seguida.

Norbert Elias (2000, p.125) afirma que “as fofocas também propiciavam aos estabelecidos um rígido mecanismo de controle social em algumas circunstâncias, uma vez que tinham também a função de excluir pessoas e cortar relações ao funcionarem como instrumento de rejeição de extrema eficácia”. Podemos observar à luz dos resultados encontrados que os alunos por certo período em que as fofocas de alguma pessoa rolavam pelos corredores levados pelos espões afastavam-se por um momento dos afetados, embora que depois voltasse tudo ao normal. [...] Tinha-se a impressão de que as notícias sobre o desrespeito às normas aceitas, cometidos por pessoas conhecidas da comunidade, eram muito mais saborosas, forneciam maior entretenimento e uma satisfação mais prazerosa, tanto para narradores quanto para ouvintes, do que os boatos sobre alguém digno de elogios por defender os padrões aceitos, ou merecedor de apoio num momento de necessidade. (ELIAS, 2000, p.124).

E na escola também se torna bastante comum situação de fofocas surgirem em torno de casos como a de garotas que flertam ou se relacionam superficialmente com vários meninos como, por exemplo, alunas solteiras (ou apenas com namorados) que

apareciam no ambiente escolar grávidas gerarem para as mesmas um recuo por parte dos outros estudantes em virtude de receio de também virarem alvo da fofoca inerente a essas pessoas, assim como havia quem evitasse fazer algo que desejasse por medo de se tornar alvo de fofoca, caso contrário seria alvo dos boatos.

[...] “Só fala sobre namorado, sobre as outras pessoas, meninas, inveja”!(sic).

“É... Sei lá... Relacionamentos”! (sic).

“As que surgem mais é menino com menina, assim, sobre relacionamento – Há! Fulano ta com fulana há fulano terminou com fulana, mais esse tipo”. (sic).

“Lado pessoal, caráter, foto íntima”. (sic).⁷

Os relacionamentos amorosos ficam em destaque nas fofocas entre os alunos; início e término, quem está com quem, quem terminou com quem, porque terminaram entre outros fatores, igualmente algo que seja polêmico em relação à conduta do outro, como disse uma das alunas entrevistadas: “Quando tem muitas polêmicas, ta mexendo muito com o povo, aí pronto gera a polêmica, aí vão divulgando, divulgando, aí chega até uma certa pessoa, aí ficam comentando”(sic). Também há fofocas entre os alunos em relação ao caráter do outro, o que são capazes de fazer ou não, bem como sobre suas redes sociais quando postam virtualmente algo que não condiz com sua postura real como por exemplos; fotos íntimas, “sobre a internet e vasa foto íntima aí tem muita fofoca sobre isso na escola”.

A fofoca segue o padrão de normas e regras impostas pelas pessoas das comunidades; se alguém fugir às regras será motivo para ser revelado aos outros, esse se torna um dos motivos de haver comentários sobre as práticas das pessoas, sobre os atos dos estudantes/moradores da localidade em pesquisa. Mesmo não fazendo, torna-se alvo da fofoca. Mas os valores e regras pregados devem ser seguidos para se ter uma boa conduta, ou você será “bem falada”. Um dos exemplos mais claros que podemos identificar enquanto fofoca depreciada a partir de valores e regras é quando uma jovem, aluna, residindo ou não na comunidade, na qual é muito conhecida, aparece grávida sem ser casada, embora esteja solteira ou acompanhada por um parceiro. A mesma torna-se alvo de fofoca, o que implica virar alvo de julgamento quanto à sua conduta em

⁷ Fragmentos de falas de entrevistados, em meio as alunos entre 16 e 17 anos do Ensino Médio.

desvio a uma suposta conduta moralmente “correta”, tendo sua imagem denegrida como uma “menina errada”.

A fofoca é uma maneira de manutenção da ordem social, implicando nas práticas dos indivíduos inseridos nesta comunidade, pois eles terão que agir de acordo com o que se prega quanto ao que é “certo” ou “errado”, reforça valores sociais os quais devem ser seguidos por todos. Percebemos com mais clareza o poder que há na linha tênue da fofoca que serve como catalisador social e moral regradora das condutas. A partir disso, podemos entender que o sub-julgamento sobre o afastamento das regras impostas pela comunidade onde os alunos moram e estudam vai variar de local para local. Qualquer fuga de comportamento às regras estabelecidas a nível social gerará boatos, mexericos e se o mesmo fato acontecer em outro lugar e os valores e regras não forem os mesmos, não sofrerão os alvos das referidas penas. Mas há, no entanto, quem queira apenas um motivo para tecer comentários sobre outra pessoa.

“Teve uma que é de uma menina que teve... Que rolou uma foto dela mesmo nua, sem roupa, e foi divulgando, divulgando, aí começaram a falar, aí depois surgiu um montão de fofoca dela, que ela tinha mandado essa foto, aí rolou essa fofoca dela [...]. Que eu ouvi por outros alunos que a menina tirou foto nua e postou na internet e vasou e todo mundo tava comentando que ela... Todo mundo pensava que ela era uma menina direita, que todo mundo já pensa o contrário que ela já é uma imoral, (*Risos*)... Fica mandando foto pros garotos nua. Que todo mundo sabe que quem posta essas fotos nua na internet sempre vaza!. Ela é do turno da tarde só ouvi comentar que tinha vazado a foto da menina, dizem que ela mandou a foto pra um menino aqui na Várzea, aí ele também é novo, inexperiente, aí espalhou a foto da menina no grupo, aí foi espalhando espalhando até que surgiu a fofoca, aí caiu no celular de algum amigo aí surgiu a fofoca na escola, aí espalha rápido essas coisas. (sic).⁸

A fofoca repercutiu por toda a escola, tendo o objeto-alvo por alguns dias não frequentado a escola, onde a fofoca teria surgida a partir de alguns alunos que estavam na rua, sendo que grande parte dos alunos tinham a foto da garota em seus celulares. Ainda pelo obtivemos, a garota alvo da fofoca era vista de uma maneira até que, após o fatídico, passou a ser encarada de outra.

Não existe sociedade sem regras, sem proibições e sem preferências. Sociedade quer dizer minha casa, meu bairro, meu grupo de amigos, a cidade e mais. São muitas as sociedades de que fazemos parte. As regras – que quase todo cidadão tenta obedecer sem criticar – permitem separar os *certos* e os *errados*: os que cumprem (ou dizem cumprir), e os que não cumprem os regulamentos. (GAIARSA, p.55).

⁸ Relato de um dos alunos entrevistados.

As regras partem desde o ambiente familiar até as ruas. Os alunos, os integrantes de suas localidades devem seguir à risca suas regras, as que foram criadas antes mesmo de terem nascido. Como devem se portar na sociedade, o que devem fazer na localidade, como devem agir com amigos, família, inimigos e principalmente no que condiz à moral, pois o caráter e personalidade serão avaliados de acordo com os atos praticados segundo seus preceitos. Pois algo que é fofocado tem que no mínimo ser diferente do habitual, caso contrário para que se fofocaria? De que os alunos e seus vizinhos se ocupariam caso tudo parecesse correto? Assim mesmo ainda fariam: “fulano só quer ser certinho, hummm! mas esse não me engana!”

Vejamos um dos exemplos em destaque “[...] As meninas ficam cuchichando entre si – Uma menina que tá grávida, e elas não sabiam, aí agora que veio perceber que ela já tá com o buchão”...(sic).

A aluna que está grávida tornou-se alvo das fofocas em sua sala de aula e pelos corredores da escola, assim como declarado pela entrevistada, só vieram perceber quando a garota apareceu com a barriga grande. Isso gerou fofocas porque a aluna supostamente só tem namorado e ainda mora com os pais, e o que lhe acontecerá? Nas fofocas surgiram os comentários: “será com quem ela vai morar? Ele vai assumir? E os pais dela? Como pôde ter coragem! Valha! eu nem imaginava uma coisa dessa, tô besta agora viu”, (sic)

Poderiam ser simplesmente comentários, mas como os alunos dão várias versões para as narrativas levando de uns para os outros sem se preocupar com o que dizem, transformam em fofoca, fazendo com que o alvo sinta-se coagida e torne-se um “desviado”, aquele que não segue as regras. Até mesmo porque só sabem que a garota está grávida, o restante das versões foram eles que criaram. Qual seria o certo? “Nossa... porque ela num esperou nem terminar o ano de escola ou casou logo! Só pra desistir”. (sic). Assim, as fofocas que circulam os alunos, na escola, na localidade surgem como o “dispositivo social que mantém – ou tende a manter – cada um no seu lugar” (GAIARSA, 1978, p. 90), ao que trai, a que engravida, as que são conhecidas como ‘galinhas’, as quietinhas, enfim.

Através da fofoca percebe-se uma exclusão social tornando-se um “*Outsider*” quem se desvia das regras socialmente estabelecidas, estigmatizados pelos

“Estabelecidos”, num plano hierárquico de valores quanto às condutas. Afinal, o que é *Outsiders*? Observemos o que Becker nos diz:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriado, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como sendo “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infligiu, pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se esperava viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um *Outsider*. (2008, p. 15).

Regras impostas quando não obedecidas sugerem punições, que nem sempre são físicos, mas simbólicos. Em concordância com o autor, as regras são impostas por grupos sociais de acordo com o que interpretam ser ou não um valor. Quando não seguidas, a pessoa que as infringiu é encarada como o estranho, o “errado”, pois na concepção de quem impõe as regras quem não as seguir é excluído como “desviante”. Logo, quem não pratica a regra pode encará-la como sendo “errada”, “desviante”. Becker (2008, p.17) nos diz que “*Outsider* é aquele que se desvia das regras de grupo”. Portanto “desvio” é tido como a infração de uma regra aceita por determinado grupo.

Todos os alvos dos mexericos passam a sofrer retaliações em função de estarem se afastando das normas estabelecidas e, nesse sentido, a fofoca é o primeiro passo para um processo social que pode levar à estigmatização e até mesmo ao seu isolamento dentro do grupo. No caso de se referir àquelas que não fazem parte do grupo, as fofocas depreciativas funcionam como forma de reiterar a identidade dos estabelecidos e confirmar a execução pública dos *outsiders*⁹. Portanto, os “desviantes” que eram os que não estavam de acordo com os valores sociais pregados, deveriam se portar (mesmo sem querer) conforme as normas preestabelecidas; caso contrário, seriam alvos da boataria. Pois a fofoca é a expressão concreta do controle social de todos sobre todos e de todos sobre cada um. (GAIARSA, p.189). E de onde surgem?

“Na sala de aula, no recreio, na escola mesmo... Na rua. [...] Muitas delas geram por redes sociais e é divulgada, às vezes é na escola, às vezes é na rua. Muitas vezes a polêmica gera na escola, o babado é no colégio aí daqui a pouco tá na rua, aí todo mundo fica sabendo”.

“Elas vem da rua, os alunos escuta na rua e acabam levando pra dentro do colégio, aí vai contando pra um, pra outro, aí vai aumentando”.

⁹(Sociologia da Fofoca: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano; p. 03. Pedro Paulo de Oliveira (PPGS/UFRJ).)

“É... muitas vezes surge aqui fora, aí se complementa lá dentro, aí um fala pro outro, aí pro grupim, aí esse grupim é sempre amigo de outro cara no grupim, aí sai falano”.

“Na sala de aula, no recreio, na escola mesmo, fica mais na escola com os alunos dentro da sala de aula. Quase sempre é gerada de fora”. (sic)

As fofocas são geradas em grande maioria no espaço externo à escola, envolvendo alunos, professores e as pessoas das localidades. Ou assim, como qualquer que esteja envolto das fofocas, mas não fica de lado a possibilidade de surgir fofocas no interno levadas ao externo escolar. As fofocas, por exemplo, que surgiram na escola e veio para o espaço externo foi a da aluna que tirou a sua foto nua e enviou para o garoto. Este fato foi divulgado pelos alunos: “essa foi uma delas que foi gerada lá e trouxeram pra rua. Primeiro ela faltou aula aí chegaram... olha a foto de fulana, olha a foto de fulana! aí pronto, foi gerando e saiu do colégio aí começaram a divulgar a foto dela e falar”¹⁰. Surgindo a partir:

[...] Dos amigos que falam mais que as outras pessoas, [...] É... pode surge com duas, três pessoas, e até grupos, tem muitos grupinhos, no recreio, no intervalo ali na hora da merenda, um ta merendano e ta falando sobre os outros grupos. Tá sabendo da bomba! Essa bomba é foda! (*Risos*), aí começa falar do assunto e tal aí outro vem, e... Fiquei sabendo disso daí mas foi de outra forma! Aí já chega outro amigo falando de outra forma, assim gera... aí junta tudo e forma outra fofoca (*Risos*). (sic)

As fofocas são proliferadas a partir de duas ou mais pessoas. Na escola, os alunos em grande maioria andam em grupinhos, como deixado esclarecido na entrevista de um dos depoentes: “se sabem de uma fofoca já contam para o seu grupinho, que logo no grupinho há outro que é amigo de um terceiro grupinho, e assim são disseminadas as fofocas, rolam por toda a escola através dos alunos e em ênfase os grupinhos”. Em grande parte, esses grupinhos fofocam sobre as pessoas dos outros grupinhos e não sobre si. E quem mais fofoca?

“Os homens fofocam, mas igual á mulher não”, “Os meninos falam das meninas, as meninas falam dos meninos, o inverso”, “Eu acho que fica meio a meio porque nossos grupinhos tem mulher tem homem e é fofoqueiro também”. (sic) (Entrevistados).

Segundo os dados das entrevistas, as mulheres fofocam mais que os homens, mas alguns alunos em conversas afirmaram ser meio a meio, ser igual, a diferença está nos assuntos discorridos em meio às fofocas. Alguns não se consideram fofoqueiros,

¹⁰ Depoimento de uma das entrevistadas

apenas ouvintes, como outros disseram que quem escuta é fofoqueiro do mesmo jeito, enquanto outros afirmaram fofocar, mas não coisas ruins apenas boas, sobre amigos, familiares, namoradas. Bem como teve quem falasse que quem escuta não é fofoqueiro, a não ser que saia contando o que ouviu, enquanto outros acham que “quem escuta é fofoqueiro também, com menos parcela de culpa.”

Ainda os alunos falaram que “os homens comentam algumas coisas, e as mulheres falam outras”, diante das observações obtidas, tanto os homens quanto as mulheres andavam sempre de grupinhos, estavam em rodinhas, sempre rindo e falando algo, pois segundo um dos entrevistados, “os homens fofocam até se a mulher é feia, fala do cabelo se é bom ou ruim, até a cor delas falam!”. A partir disso, percebemos que por via das fofocas os julgamentos de valores são impostos sobre os que não condizem com o padrão adequado de acordo com o que lhes é certo. Os homens fofocam a partir do que prejudicam estarem certos ou não, impondo às mulheres deverem ser sempre “direitas”, “corretas”; caso contrário, são difamadas. Isso vem acarretado valores sociais, sendo mais afetado

“As meninas, porque são o foco porque se... homem, acontecer alguma coisa é homem, mulher já é diferente, o povo já vê com uma visão diferente.”
“Porque as fofocas geralmente é mais sobre elas, quando vão falar nunca falam sobre os meninos, é sobre as meninas porque é mais sobre os relacionamentos, envolve os dois mas falam mais sobre ela que ele”. “As meninas... porque as mulheres são sempre mais... é os homens são mais livres né? Aí as mulheres tem aquele negócio do pai num deixar sair, os homens são mais solto, aí sempre tem esse lado aí de ser... como eu posso dizer... livre?”.
(sic).¹¹

Segundo os próprios depoentes narraram, o alvo principal das fofocas é as meninas, fato esse confirmado por elas mesmas em função de perceberem serem vistas pela sociedade de forma diferente em relação aos homens. “Os homens podem fazer o que quiserem que sua reputação sempre será sempre a mesma, são ‘livres’, podem porque tem a liberdade dos pais, enquanto as mulheres tem que andar na linha que a sociedade coloca como conduta para as ‘moças de família’, ‘menina direita’”. Portanto, qualquer coisa que elas cometem que sejam fora das regras sociais, morais, elas são alvos das fofocas. “Assim a fofoca funciona como um instrumento de controle social, pois muitas pessoas – quando temem tornar-se alvo de sanções sociais – desistem de afastar - se longe demais dos padrões coletivos. (BEN-ZE’EV, 1994, p. 23).

¹¹ Depoimento de um dos entrevistados

As garotas por certo período sofreram uma exclusão social, tendo sido deixadas um pouco de lado; as colegas de sala de aula pouco as acompanhavam, por elas estarem nos assuntos por todos na escola, sendo “mal vistas” como “meninas erradas”. Além da propagação dos boatos verídicos acompanhavam versões acrescentadas pelos próprios interlocutores dos grupinhos: “eu fiquei sabendo assim, eles num vão casar não, e era porque ela era bem quietinha, hun! Tai pra quem num saía de casa, também os pais dela deixava ela solta, foi no que deu, fulana é doida, eu num tinha corage”. “São conspiradores que estão trançando uma rede na qual apanham alguém que fez ou disse coisas contrárias à moral ou aos bons-costumes – dos dois!”. (GAIARSA, p. 31).

Simplesmente poderia ser apenas a fofoca entre todos, mas a mesma que agrada desagrada, tornando-se desagradável. Quando a fofoca é disseminada prejudicando a conduta pessoal, moral, caráter, personalidade e entre outros fatores, fazendo os alvos se sentirem coagidos com os boatos, já não é mais engraçada, torna-se desgraçada, assim como Gaiarsa nos afirma que “a fofoca é trágica. Ela é o principal instrumento e motivo de toda autocensura, de toda autocastração, de toda a irrealização pessoal” (GAIARSA, p. 21).

É o instrumento que censura os desejos e vontades dos que não querem ser fofocados deixando-os escondidos até ser permitido tal ato. Isso se a pessoa viver até lá. É uma arma para manter as intenções proibidas, bem como para destruir qualquer reputação construída a longo período, que se vacilar desaba em segundos. Contudo, a fofoca pode ser interpretada como uma violência simbólica verbal, por meio de narrativas e interpretações a partir de disseminações de conversas de uns sobre terceiros ausentes que tenham sua vida vigiada, difamada e afetada de alguma maneira pela fofoca depreciativa.

A violência simbólica dá-se por um ato violento invisível, produzido e visto como coisas naturais por quem as produz e por quem sofre. A partir do que compreendemos sobre violência, como sendo a violação dos direitos pessoais de qualquer indivíduo, podemos afirmar que a fofoca depreciativa é uma violência agindo simbolicamente sobre o alvo principalmente quando o indivíduo sente-se coagido perante o grupo sobre o qual está ensartado. É uma violência não concreta, mas que afeta os sentimentos e inibe o ser de se expor. Viola a privacidade da pessoa expondo-a

para os demais que a sub-julgaram de acordo com suas regras, deixando-os estigmatizados.

Os alunos que foram alvos de fofocas depreciativas tiveram sua imagem denegrida, violentada, desistência das aulas, isolamento social, entre outros fatores. Como observado no início, alguns dos alvos sentiam-se coagidos afastando-se dos demais em grupos por conta das piadinhas como dos olhares acusadores em troca de interações. A localidade não fica à parte; é um grande mecanismo que dissemina as informações de uns para os outros, sabem mais da vida dos outros que da própria.

As fofocas estão atreladas a sentimentos dos fofoqueiros a respeito dos fofocados; o que seria dos fofoqueiros se não existissem os fofocados? O orgulho está interligado à fofoca, pois o outro tem o desejo, vontade, mas não faz por medo de ser fofocado, “no dizer da tradição inglesa, orgulho se mostra, inveja se esconde”. (GAIARSA, p.51). “A quantidade de fofoca que existe no mundo e em cada pessoa é exatamente igual à quantidade de desejos não realizados – à frustração cósmica – e à de cada um” (Idem, p.58). A inveja é, no entanto, um sentimento composto por vários tipos de emoções, tal como tristeza, mágoa, que o indivíduo sente por si próprio, e por fim, um ódio projetado. Após a destruição ou apoderação do objeto, o invejoso sente alegria com a tristeza do outro que lhe causou mágoa anteriormente. Isto demonstra também a necessidade de vingança que a inveja faz sentir.¹²

Quando peço contra minha classe social, de algum modo saio dela. Isto é, ao fazer diferente do que se espera que faço nego minha uniformidade, nego ser igual a todos os outros. Saio do conceito... Viro um... desclassificado. (Idem, p.91) Com os mexericos, boatos, fofocas ainda que sejam verdadeiros, os alvos tornam-se um símbolo de desvio, infratores, são visto pelos que dizem cumprir as regras como os destruidores da boa moral, tornando-os excluídos à margem social. Os indivíduos, ou melhor, os alunos, os moradores da localidade, os que foram alvos de fofocas tornaram-se os divergentes, os que discordam contra a lei a ser obedecida, os *Outsiders*;– Desviantes e Estigmatizados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹²<<https://aprilwalsh.wordpress.com/tag/visao-psicanalitica-de-inveja/>>

Diante do exposto acima, pudemos ter um breve conhecimento sobre o que é fofoca, em sua modalidade depreciativa, como agem os sujeitos e as consequências. Igualmente, pode-se afirmar que o tema se estende para além do que fora abordado, implicando infinitas possibilidades. Não em função da impossibilidade dos conteúdos que podem ser objeto de fofoca, mas por sugerirem diferentes significados sociais, limitando-se o presente trabalho ao papel de controle social das condutas entre os indivíduos e grupos, implicando processos de pertencimento e exclusão em função da continuidade ou não com os valores estabelecidos.

A fofoca, como já mencionada, foi vista como uma prática do cotidiano que independentemente de cultura ou país, está presente sem restrições de espaços e regras, sendo vista como uma narrativa presente independentemente do gênero. Ela por estar em meio a indivíduos que se integram por determinados interesses foi vista presente em meio aos alunos, os quais a tinham como um meio de interação para estarem integrados uns com os outros, mesmo sem se darem conta da maneira como a utilizavam. A fofoca foi interpretada pelos próprios discentes quando questionado como uma arma que serve para destruir, principalmente quando ela é utilizada de maneira depreciativa, que denigre e mancha a imagem dos outros, os alvos, estes que normalmente são depreciados quando estão ausentes.

Os alunos fofocavam sobre qualquer tipo de assunto principalmente quando era algo polêmico, quando chamava atenção, isso é, quando se faz algo fora das normas estabelecidas, quando se desvia do que se deve fazer, fofocavam entre si, de grupinhos em grupinhos, na vizinhança, entre amigos, aonde rendia assuntos ali estavam a compartilhar as fofocas.

Portanto, a fofoca apresentada neste trabalho através de entrevistas, conversas informais e observações, pôde ser compreendida em sua modalidade depreciativa como uma narrativa do cotidiano que integra indivíduos aos seus grupos ao mesmo tempo em que desintegra. É uma arma pronta para regradar e manter as condutas a serem cumpridas diante de determinados valores pregados de acordo com cada sociedade. Ainda, a fofoca depreciativa pôde ser vista como um catalisador pronto pra julgar e punir todos quanto saíssem das regras ditadas, agindo como uma violência simbólica que viola os direitos do alvo, inibindo seus atos, condenando sua prática, pondo-os à margem da sociedade como um desviado, pronta para estigmatizar todo o que é considerado outsider, agindo

na maioria das vezes imperceptível como um instrumento de corrosão da conduta e moral alheia, principalmente quando o alvo é o outro e não “eu”, além de ter sido interpretada como um sentimento de inveja, isto é, quando o fofoqueiro fala do alvo (quase sempre ausente) de forma depreciativa, pois vê neste a coragem de fazer o que se tem vontade, mas não há coragem.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2008.
- BEN-ZE'EV, Aaron (eds.). *Good Gossip*. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1994, p. 11-24.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 [1989].
- CARDOSO, Ruth C. O. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- GAIARSA, José Angelo. *Tratado geral sobre a fofoca: uma análise da desconfiança humana*. São Paulo: Summus, 1978.
- GOFFMAN, E. (1999) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- SIMMEL, Georg. *The Sociology of Georg Simmel*. Translated, edited, and with an Introduction By Kurt H. Wolff. London, New York: The Free Press of Glencoe / Collier-Macmillan Ltd., 1950.
- SOUSA, de, Ronald. In Praise of Gossip: Indiscretion as a Saintly Virtue. In: GOODMAN, Robert F. & BEN-ZE'EV, Aaron (eds.). *Good Gossip*. Lawrence, Kansas: University of Kansas Press, 1994, p. 25-33.
- TAYLOR, Gabriele. Gossip as Moral Talk. In: GOODMAN, Robert F. & BEN-ZE'EV, Aaron (eds.). *Good Gossip*. Lawrence, Kansas: University of Kansas Press, 1994, p. 34-46.